

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 3 Setembro - Dezembro 2025

ARTIGO

ARQUEOLOGIA INDÍGENA NA AMAZÔNIA, BRASIL: CONCEPÇÕES E PANORAMAS

Hudson Romário Melo de Jesus Tupinambá*, Diana dos Anjos Gama Kumaruara**

RESUMO

Este trabalho abarca uma revisão sobre a arqueologia indígena e suas práticas baseadas no conhecimento tradicional e na cosmovisão que não seguem exclusivamente os paradigmas da arqueologia ocidental. A arqueologia indígena trata da coleta e análise de artefatos, preservação e conservação ambiental, recuperação e valorização de saberes. Desenvolve-se uma discussão abrangente a partir das pesquisas citadas e sua relevância para arqueologia amazônica. As abordagens científicas e o conhecimento indígena são a questão central, considerando que por vezes as metodologias e interpretações arqueológicas não contemplam as perspectivas indígenas. Os povos indígenas desafiam conceitos sobre patrimônio arqueológico, questionam a separação passado/presente e provocam novas maneiras de avaliar vestígios materiais, contribuindo para reinterpretar de sítios em uma arqueologia participativa.

Palavras-chave: Arqueologia indígena; Povos tradicionais; Arqueologia amazônica.

* Arqueólogo. Doutorando em Antropologia na Universidade de Brasília (PPGAS/UnB). Membro do Laboratório de Relações Interétnicas (Lageri/UnB). E-mail: HUDSONMELODEJESUS@GMAIL.COM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7786-905X>.

** Estudante de Arqueologia na Universidade Federal do Oeste do Pará. Integrante do Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú (Ufopa). E-mail: DIANAALTERGAMA@GMAIL.COM. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9553-0188>.

INDIGENOUS ARCHAEOLOGY IN THE BRAZILIAN AMAZON

ABSTRACT

This review examines Indigenous archaeology and its practices, which are based on traditional knowledge and worldviews that do not exclusively follow the paradigms of Western archaeology. Indigenous archaeology involves the collection and analysis of artifacts, environmental preservation and conservation, and the recovery and valorization of knowledge. A comprehensive discussion is developed based on the research cited and its relevance to Amazonian archaeology. Scientific approaches and Indigenous knowledge are central issues, considering that archaeological methodologies and interpretations sometimes fail to incorporate Indigenous perspectives. Indigenous peoples have challenged concepts of archaeological heritage, questioned the separation between past and present, and introduced new ways of evaluating material remains, contributing to the reinterpretation of sites via participatory archaeology.

Keywords: Indigenous archaeology; Traditional communities; Amazonian archeology.

ARQUEOLOGÍA INDÍGENA EN LA AMAZONÍA, BRASIL: CONCEPCIONES Y PANORAMAS

RESUMEN

Este trabajo realiza una revisión sobre la arqueología indígena y sus prácticas basadas en el conocimiento tradicional y la cosmovisión que no siguen exclusivamente los paradigmas de la arqueología occidental. La arqueología indígena se ocupa de la recopilación y el análisis de artefactos, la preservación y conservación del medio ambiente, la recuperación y la apreciación del conocimiento. Se desarrolla una discusión exhaustiva a partir de las investigaciones citadas y su relevancia para la arqueología amazónica. Los enfoques científicos y el conocimiento indígena son un tema central, pues en ocasiones las metodologías e interpretaciones arqueológicas no consideran las perspectivas indígenas. Los pueblos indígenas desafían los conceptos sobre el patrimonio arqueológico, cuestionan la separación pasado/presente y provocan nuevas formas de evaluar los restos materiales, lo cual contribuye a la reinterpretación de los sitios en la arqueología participativa.

Palabras clave: Arqueología indígena; Pueblos tradicionales; Arqueología amazónica.

INTRODUÇÃO

Somos Hudson de Jesus, indígena do povo Tupinambá, aldeia São Francisco, e Diana Gama, indígena do povo Kumaruara, aldeia Muruary, ambas aldeias situadas no baixo Tapajós, no município de Santarém, estado do Pará. Neste artigo, tratamos da arqueologia indígena e, a partir de uma revisão da produção na arqueologia amazônica, indicamos a construção de um panorama científico relevante para a arqueologia brasileira. As pesquisas evidenciam sistemas de conhecimento complexos, com sofisticação técnica e simbólica da diversidade de artefatos elaborados pelos povos indígenas, destacando a continuidade das ocupações de longa duração e descolonização das práticas arqueológicas nas Américas (Atalay, 2012; Jesus, 2022a; Jofré, 2013).

As arqueologias indígenas promovem deslocamentos epistêmicos que implicam a incorporação de filosofias desenvolvidas em conjunto com comunidades que questionam o legado do colonialismo. Grande parte da literatura sobre arqueologias indígenas fundamenta-se em pressupostos pós-coloniais, sobretudo no que diz respeito ao combate ao colonialismo e à descolonização do conhecimento arqueológico. Cronologias, técnicas de escavação e epistemologias concedem influência das cosmografias indígenas. Repensar um futuro descolonizado para os povos indígenas requer reimaginar o futuro das arqueologias dessa população (Bruchac, 2010; Million, 2002; Tuhiwai Smith, 2018). Arqueologias indígenas constituem uma nova escola crítica que valoriza as ontologias, territorialidades e os modos de vida indígenas, com o propósito de produzir ciência arqueológica (Steeves, 2021). Para fundamentar suas proposições teóricas e metodológicas, essas arqueologias trabalham com práticas científicas colaborativas, que trazem profundas mudanças de paradigmas na disciplina (Smith; Wobst, 2005). Os povos indígenas divergem quanto às questões de pesquisa, interpretações dos dados, informações e maneiras como são representados nas produções acadêmicas e na teoria arqueológica (Nicholas; Watkins; 2014; Watkins, 2001).

Em se tratando de arqueologia nacional, destacam-se trabalhos relevantes com índices bibliométricos, como os de Prous (1992), que analisam a produção da arqueologia brasileira, e o de Caromano, Trindade e Cascon (2014), que discute os perfis, percursos e currículo de egressos do ensino de pós-graduação. O primeiro trabalho de arqueologia colaborativa com comunidades indígenas amazônicas foi elaborado por Silva, Bepalez e Stuchi (2011) e tratava da importância da territorialidade e da história dos Asurini do Xingu na Terra Indígena Koatinemo. Antes disso, Silva (2002) publicou um artigo sobre a ocupação Asurini do rio Xingu e a incorporação da cultura material no cotidiano da comunidade, com base na mitologia dos seres sobrenaturais que povoam o cosmos na Terra Indígena Koatinemo.

ETNOARQUEOLOGIA, CERÂMICA E HISTÓRIA INDÍGENA

Nesta seção, faremos um panorama das contribuições acadêmicas e etnográficas sobre os povos indígenas e as dimensões simbólicas, culturais e sociais atribuídas às cerâmicas arqueológicas. Ao dialogar com as histórias indígenas, os pesquisadores resgatam saberes tradicionais e cosmovisões que conferem às cerâmicas significados relacionados à identidade, espiritualidade e memória. Os saberes locais e as narrativas contribuem para uma compreensão sensível dos processos de produção, uso, mobilidade e centralidade da cerâmica nas práticas culturais.

Elaine Parintins (Wanderley, 2013), da etnia Parintintin, pesquisa a relação que os Apurinã estabelecem com sítios e artefatos cerâmicos como fundamento da identidade coletiva e etnicidade na Terra Indígena Caititu, Lábrea/AM (Wanderley, 2016a, 2016b).

A região é habitada por inúmeros grupos indígenas que vivenciaram conflitos promovidos pelo sistema extrativista, com disputas territoriais, deslocamentos e reconfiguração de suas formas de organização social. A diversidade étnica no rio Purus destaca a dimensão das ocupações Apurinã, relacionando elementos culturais com reflexões sobre cultura material e o ponto de vista do povo Apurinã. A história inalcançada das cerâmicas arqueológicas, por meio do contraste entre fontes históricas, etnográficas e arqueológicas, demonstra a importância desses patrimônios como elementos dos modos de vida.

Na Amazônia central, Carlos Silva (2016), descendente Apurinã e Munduruku, estudou contextos cerâmicos na região da cidade de Manaus/AM e sua descaracterização progressiva diante do avanço desordenado da urbanização (Silva, 2011). Manaus tem uma riqueza arqueológica com muitos sítios cerâmicos, que contrastam com as transformações coloniais, urbanas e industriais distintas das paisagens pré-coloniais. Esses contextos enfatizam a importância das cerâmicas para rituais funerários e para o cotidiano doméstico, nos espaços rituais com árvores e plantas simbólicas ligadas às nossas histórias e aos ambientes naturais, como rios, florestas, planaltos, igapós e cachoeiras. Dessa forma, focalizam o papel das cerâmicas enquanto artefatos culturais vivos.

Na Terra Indígena Trombetas-Mapuera, Jaime Wai Wai (2017), povo Wai Wai, realizou uma pesquisa sobre as histórias dos povos Wai Wai após o encontro com grupos *kariwas* (*karaywa*) e as trajetórias de ocupação Konduri (Jácome, 2011, 2017; Jácome; Wai Wai, 2020). As conexões entre ancestralidade, cosmologia, paisagens, territorialidade, cotidiano tradicional, uso de materiais rituais e as perspectivas indígenas podem ser observadas nas histórias das aldeias, que compõem a interpretação do universo de representações animais nas cerâmicas Konduri, em sítios arqueológicos próximos aos rios Mapuera e Trombetas. A pajelança de vasos especiais realiza-se com a utilização de sementes de guaraná (*weyaci*) depositadas. Sobre os significados das representações animais, os ancestrais Wai Wai tinham esses vasos como símbolos dos poderes que recebiam dos animais. São reflexões que estabelecem diálogo entre conhecimento indígena e a arqueologia, enfatizando vasos Konduri como instrumentos dos pajés para comunicação espiritual, produzidos pelos ancestrais dos povos Wai Wai. A paisagem das aldeias Mapuera e Inajá é lugar dos espíritos da floresta e dos animais, auxiliares dos xamãs (*yaskomo*), e das roças de mandioca para fazer farinha. A cerâmica xamânica Konduri (*Nokwa*) é formada por apêndices com figuras antropomorfas e zoomorfas, constituídas de modelagens, roletes de argila, aplicação de incisões, ponteados e vestígios de tinta, apliques utilizados na pajelança espiritual (Jácome, 2012, 2017).

Jesus (2018) produziu uma pesquisa arqueológica no Sítio Porto, em Santarém/PA, que entrelaçou estilo, tecnologia e manufatura de cerâmica ritual Tapajó a partir da cultura material proveniente de contextos às margens do rio Tapajós. Na Amazônia, existem muitos sítios de habitações pré-coloniais com terras pretas (Rebellato, 2011), como nos contextos espaciais e estratigráficos do período Tapajó do Sítio Porto, que apresentam vasta riqueza de tamanho nos assentamentos, densidade de cerâmica ritual, expressiva indústria lítica, profundas transformações na paisagem, agricultura e consumo de vegetais (Alves, 2016; Jesus, 2019; Schaan, 2015). O Sítio Porto é um assentamento pré-colonial constituído por uma ampla faixa litorânea de terras pretas, caracterizada por dezenas de hectares e com profundidades estratigráficas próximas a dois metros (Gomes, 2011; Jesus; Rebellato, 2019; Schaan; Alves, 2015). A revisão histórica das pesquisas foi alcançada por meio de avaliação crítica de trabalhos da arqueologia amazônica, especialmente sobre os bolsões arqueológicos e desenvolvimento das arqueologias indígenas (Jácome, 2020; Jesus, 2018; Jácome *et al.*, 2020). Em diferentes áreas do Sítio Porto, foram identificadas urnas funerárias, vasos de gargalo, cariátides, estatuetas e vasos globulares, muiraquitãs,

milhares de fragmentos de cerâmica, matérias-primas, diversas ferramentas, polidores, milhares de lascas e detritos líticos, vegetação domesticada, palmeiras e campos (Jesus, 2020; Rapp Py-Daniel *et al.*, 2017). Representações de animais silvestres são elementos recorrentes na iconografia da cultura material dos povos indígenas amazônicos, sobretudo nas tradições arqueológicas da região do rio Tapajós, como nas decorações da Tradição Inciso e Ponteadado (Borges; Prestes-Carneiro, 2020; Jesus, 2021; Rocha, 2020).

Na região do rio Arapiuns, Santarém/PA, Ana Arapyun (Silva, 2018), povo Arapyun, destaca a importância da revitalização cultural a partir do estudo de material arqueológico na comunidade de Vila Brasil, antiga aldeia indígena de nome Uxicará. Em contexto de ação identitária, num processo contínuo de reafirmação cultural e territorial, a pesquisa apresenta como contribuição um mapa socioarqueológico que evidencia mudanças nas paisagens, nos afloramentos de material cerâmico, nas terras pretas indígenas e em lugares significativos. Estudos etnoarqueológicos acerca da funcionalidade de vasos de gargalo para defumação corpórea, relacionados às técnicas de rituais de purificação e cura (Pereira, 2023) foram realizados na aldeia Arymum e na comunidade de Vila Franca, com base na arqueologia histórica que trata da reelaboração das dinâmicas dos grupos indígenas no período colonial; ambos foram desenvolvidos na Terra Indígena Cobra Grande (Sousa, 2024).

Eldissandra Parintintin (2019), povo Parintintin, trata da manufatura pré-colonial de vasilhas coletadas no Sítio Donza, comunidade de Aliança/RO, um dique aluvial com planície de inundação próxima à área de erosão-deposição da margem esquerda do rio Madeira. Parintintin (2024) traz a experiência entre os indígenas Kaxaxari, nos quais avaliou arqueologia, geografia e etnografia, com questões que envolvem lideranças e contextos sociais, evidenciando as dinâmicas territoriais e os saberes locais na construção de políticas comunitárias.

Jair Munduruku (2019), povo Munduruku, realizou uma pesquisa sobre a cultura material *Wuy juyūyū* (Munduruku) e sua ancestralidade, que são expressas nas *oca'õ* (vozes Munduruku) na TI Munduruku/PA. No rio Tapajós, os recursos das terras indígenas são expropriados, e é proibido remexer nos sítios, já que, por serem locais sagrados, não podem ser escavados sem autorização de espíritos ancestrais, principalmente os sítios com histórias cosmológicas (Honorato de Oliveira, 2015; Honorato; Rocha, 2024; Munduruku, 2021; Rocha, 2012, 2017; Rocha; Honorato, 2020; Rocha; Torres; Moreira, 2021; Rocha *et al.*, 2013, 2014, 2021, 2022). Entre os Munduruku, a farinha é produzida com raladores de rochas líticas e assada, embrulhada na palha da bananeira, método que envolve a produção de diferentes beijos como de massa de batata. Nas cerâmicas (*itiḡ'a*), os Munduruku preparavam alimentos, pratos e mingaus de frutas e raízes. A produção das cerâmicas inicia-se no preparo da pasta e dos roletes de argila (*wuyda*), que é misturada com cinzas da casca de uma árvore conhecida como caraipé. Em uma das rochas pode ser encontrada a marca da pegada do Deus do povo Munduruku: antes de subir ao céu, *Karosakaybu* gravou sua pegada na rocha. A pesquisa dialoga com estudos realizados na Terra Indígena Munduruku sobre as interações entre povo Munduruku, sítios arqueológicos, meio ambiente, demandas sociais e políticas indígenas (Rocha, 2012, 2017).

Em 2022, Jesus (2022a) defendeu mestrado na Universidade Federal de Sergipe, a partir de um trabalho de campo voltado ao levantamento, prospecção e mapeamento do patrimônio arqueológico na aldeia São Francisco, Terra Indígena Tupinambá, Santarém/PA. Os materiais arqueológicos presentes nas terras indígenas podem ser estudados em pesquisas de salvaguarda ativa comprometidas com as comunidades tradicionais locais. Em 2023, a pesquisa arqueológica conduzida por Jesus (2022a)

na TI Tupinambá do baixo Tapajós recebeu do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) o Prêmio Luiz de Castro Faria de melhor pesquisa em arqueologia e patrimônio cultural. Jesus (2022a) desenvolveu uma perspectiva arqueológica fundamentada nas práticas colaborativas e nos conceitos de temporalidade, paisagem e memória, sob a ótica da etnografia arqueológica, arqueologia indígena e ressignificação da cultura material e paisagens (Garcia, 2017; Jácome, 2017; Jesus, 2022a; Machado, 2012; Rocha, 2017). Os produtores de cerâmicas pré-coloniais têm suas histórias contadas nos fluxos e vivências nas aldeias, em práticas sociais, cotidianas e simbólicas nas terras indígenas (Garcia, 2012; Jácome, 2011; Jesus, 2022a; Rocha 2012). Por isso, busca-se a valorização e o reconhecimento da aldeia São Francisco e de seu patrimônio arqueológico como implemento fortalecedor da nossa história e de nossas práticas culturais. Nesse sentido, a consolidação da arqueologia Tupinambá promove o fortalecimento identitário, como no caso da aldeia Patiburi, na Terra Indígena Tupinambá de Belmonte/BA, e das aldeias São Francisco, Jaca e Paraná-Pixuna, na Terra Indígena Tupinambá do baixo Tapajós/PA, reforçando a relação entre aldeias, moradores, cultura material e solos antrópicos, revigorado a cultura, identidade e política étnica dos grupos indígenas (Garcia, 2020; Jesus, 2022a, 2022b, 2023, 2024; Jesus Tupinambá, 2023, 2024; Rodrigues, 2024; Santos, 2024).

Cooni Wai Wai (2019), povo Wai Wai, estudou as mudanças no modo de fazer cerâmico atual (*tahrem*) pelas anciãs na aldeia Mapuera Trombetas, Terra Indígena Trombetas-Mapuera. A pesquisa indicou o enfraquecimento da transmissão dos conhecimentos sobre a transformação das argilas em panelas de barro, devido à diminuição da produção e ao uso de alumínio. No estudo da técnica ancestral de fabricação de cerâmica entre as etnias Wai Wai, Katwena, Xerew e Hixkaryana, foram observadas diferenças e semelhanças na produção das cerâmicas antigas (décadas de 1950 e 1960) em relação às atuais (Jácome; Wai Wai, 2021). A materialidade em contextos etnográficos que remente a perspectivas sensoriais, de memórias afetivas e historicidade dos povos Wai Wai (Jácome, 2017, 2020; Jácome; Wai Wai, 2020; Jácome; Rodrigues; Wai Wai, 2023).

Jaime Wai Wai (2022) apresenta a tradição do povo Wai Wai, Terra Indígena Trombetas-Mapuera, por meio da sabedoria dos mais velhos, sem deixar de tratar assuntos como aprendizado acadêmico, conhecimentos tradicionais e saber científico. O deslocamento das antigas aldeias *Yowtho*, *Wawkumiti* e *Ahrumiti* para a aldeia-missão *Kanaxen* provocou mudanças nas festas *Yamo*, *Merpa* e *Xorwiko*. A cultura Wai Wai reforça a percepção de uma arqueologia própria, baseada no xamanismo, na cosmopolítica, na história indígena, nos estojos e nos cestos complexos e nas cerâmicas com representação de animais, usadas pelos pajés e xamãs do povo Wai Wai (Leitão-Barboza; Tukano; Wai Wai, 2019; Jácome, 2017, 2020; Jácome; Wai Wai, 2020; Jácome; Glória, 2020; Jácome; Rodrigues; Wai Wai, 2023; Rodrigues *et al.*, 2024). Nas aldeias antigas *Kentawno*, *Kuyuwí*, *Ahrumiti*, *Wawkumiti* e *Yowtho*, foram localizadas histórias de lugares e seres encantados no rio Kikwo (*Baracuxi*) (Wai Wai, 2024a, 2024b; Wai Wai; Caixeta de Queiroz, 2024; Rodrigues, 2022; Rodrigues; Kater; Wai Wai, 2020; Rodrigues; Wai Wai, 2024).

Carolina Wai Wai (2023), povo Wai Wai, realizou uma pesquisa sobre os colares, adereços e adornos corporais produzidos com sementes de morototó (*karakruyepu*) pelas mulheres das etnias Katwena, Mawayana, Xerew e Wai Wai, na aldeia Mapuera. Os padrões de desenho feitos no artesanato com sementes de morototó são classificados em duas categorias: os desenhos naturalistas, que representam animais como arara (*kworo*), papagaio (*waaro*), escorpião (*cikiri*), cachorro (xapari), indígena (*incu*), sapo (*xirpapa*), e os desenhos geométricos, que representam animais ou áreas específicas

de seus corpos, como o desenho da pata da cutia (*paski yemeknu*). Há uma variedade de artesanatos e adereços feitos com a semente de morototó, incluindo cintos de algodão ou fibra vegetal, brincos, braçadeiras, pulseiras (*emekna*), colares (*kwari*), braceletes (*apomi*), chocalhos (*wahxu*), cintos (*katami*), tangas (*keweyu*) e tiaras (*pemci*).

ZOOARQUEOLOGIA, MATERIAL LÍTICO E ARTE RUPESTRE

Neste tópico, traçamos um quadro das pesquisas arqueológicas que contribuem para a compreensão das práticas territoriais, cotidianas e simbólicas de grupos humanos. A zooarqueologia pesquisa aspectos relacionados à dieta, economia e às relações com o ambiente, enquanto os estudos sobre material lítico elucidam técnicas de fabricação, uso e circulação de instrumentos, e a arte rupestre oferece debates sobre cosmologias, rituais e formas de comunicação visual. Em conjunto, essas abordagens propõem uma interdisciplinaridade que permite maior diálogo entre saberes acadêmicos e tradicionais.

Ana Caroline Arapiun Silva (2022) pesquisa antiguidade e diversidade de sambaquis na longa duração do ambiente amazônico, região em que esses sítios, juntamente com os de terras pretas, apresentam um vasto consumo de peixes (Prestes-Carneiro, 2013, 2017). A primeira questão arqueológica sobre essas construções humanas complexas foi entre os pesquisadores que as consideravam formações naturais, os que propunham que eram artificiais e aqueles que afirmavam que haviam sido formadas por processos naturais e culturais. Os sambaquis amazônicos são fundamentais na compreensão das dinâmicas de povoamento e história indígena nas Américas, sendo pesquisados desde o século XIX, como no caso do Sambaqui de Taperinha, no planalto de Santarém, por Charles Hartt. Em Monte Castelo, os registros arqueológicos indicam exploração da pesca em florestas inundadas com consumo de peixes, além de mamíferos, moluscos e recursos botânicos (Prestes-Carneiro, 2017; Prestes-Carneiro *et al.* 2020a). Esses contextos demonstram a centralidade da pesca pré-colonial nas comunidades tradicionais, com uso de flechas, redes, arpões e lanças (Prestes-Carneiro *et al.* 2016, 2019, 2020b, 2021).

Elinalda Kumaruara (Silva, E. 2022), povo Kumaruara, realiza uma pesquisa etnográfica sobre os saberes tradicionais, as tecnologias e as práticas de rituais de caça e pesca que envolvem plantas e outros elementos botânicos na aldeia Maruary, Santarém/PA. Na Amazônia, o registro arqueobotânico evidencia a presença de plantas cultivadas, sementes de frutos, trançados com palhas de palmeiras e cinzas vegetais. Esses vestígios, pertencentes a diversas categorias tafonômicas de preservação, são coletados na flotação de sedimentos, para extração de vestígios botânicos, fragmentos de madeira, frutos, sementes, entre outros elementos de plantas (Prestes-Carneiro *et al.* 2020a; Silva; Shock; Prestes-Carneiro, 2020; Silva *et al.*, 2021). O estudo destaca como determinadas espécies vegetais são utilizadas para atrair, capturar ou manejar animais, além de sua importância em rituais que expressam respeito aos seres da floresta e das águas. Essas práticas refletem um conhecimento ecológico tradicional, contribuindo no entendimento das relações entre técnica, cosmologia e sustentabilidade nas práticas cotidianas do povo Kumaruara. As plantas e os animais aparecem como elementos centrais do cotidiano, com usos que vão desde práticas medicinais até aplicação em rituais e habitações. A caça de aves, por exemplo, além da alimentação, envolve a utilização da plumária para diferentes adornos corporais, mas, na contemporaneidade, as aves silvestres são pouco caçadas nas aldeias.

Odanilde Baré (Escobar O., 2022), do povo Baré, realizou um levantamento de coleções líticas em *Mussum Kuara* (“lugar da Cobra”), localizado na orla fluvial da cidade de São Gabriel da Cachoeira/AM, município com expressiva população indígena. Em sua pesquisa de mestrado, Odanilde Baré (Escobar, O. 2025) apresenta uma

perspectiva indígena sobre os significados de polidores e afiadores líticos na orla fluvial de São Gabriel da Cachoeira, com objetivo de apresentar uma interpretação sobre como os indígenas se relacionam com estes e outros artefatos líticos, como lâminas de machado e pontas de projétil, que compõem coleções domésticas. A metodologia incluiu georreferenciamento, registro fotográfico e produção de croquis. Foram identificadas dezenas de marcas relacionadas à extração de matéria-prima rochosa para a fabricação de ferramentas líticas, como cicatrizes de polimento e polidores em estilo oval, prato e circulares rasos, afiadores lineares, em estilo “canoa” e “canoa duplo”, e conjuntos de amoladores circulares, semicirculares e estilo cuia. A análise parte de uma interpretação subjetiva de artefatos, sonhos e narrativas ancestrais das marcas nas pedras e os cuidados dos especialistas.

Otekmi Wai Wai (2021), do povo Wai Wai, pesquisa a fabricação dos *xkamari* (raladores) entre as mulheres anciãs Wai Wai na aldeia Mapuera, Terra Indígena Nhamundá-Mapuera, em Oriximiná/PA. Os raladores são utilizados para ralar diversos alimentos, principalmente mandioca, para produção de farinha para, e são compostos por madeira e pequenas ferramentas líticas (Honorato de Oliveira, 2015). O interesse por esses objetos, como ferramentas para repensar classificações, reside em seu papel como articuladores de amplas esferas de identificação cultural e redes de relação. São objetos de valor simbólico de fácil transporte entre aldeias, com boa durabilidade, que pode variar entre quatro e dez anos e reconhecidos pela dificuldade de sua confecção. A matéria-prima lítica dos raladores Wai Wai é encontrada distante das aldeias e pode ser acessada em blocos de pedras arredondados situadas nos leitos dos rios, como no rio Mapuera (na *Marawica Kahxin*, “Cachoeira do Pacu”) e no rio *Kapuwini* (na *Yaimo Kahxin* “Cachoeira do Gavião”). Seu alto valor simbólico é observado pelas longas distâncias percorridas. Utilizados por vários grupos indígenas, os *xkamari* são um item de valor singular em extensas redes de troca no Norte amazônico e Guianas (Honorato de Oliveira; Wai Wai, 2021).

Aciuly Baniwa (Mariano, 2022), povo Baniwa, estuda petróglifos, paisagens do entorno da comunidade Cabarí e a ocupação pré-colonial Baniwa, em São Gabriel da Cachoeira/AM, rio Negro, um sistema regional de longa duração, com aproximadamente 8 mil anos. A interpretação dos significados dos petróglifos e sua função social no cotidiano da aldeia foram compreendidos como calendários agrícolas a partir das vivências, atividades cotidianas e práticas culturais nas roças e nos cultivos regionais, histórias acessadas por meio de relatos orais, como o conjunto de rochas denominadas “peixe-elétrico” (poraquê).

No rio Negro e em seus afluentes, há sítios de arte rupestre sagrada com petróglifos de origem ritual associados ao complexo mito-ritual do Jurupari (*Utã Wori*), parcialmente submersos nos afloramentos rochosos (Tuyuka; Valle, 2019; Valle, 2012a, 2012b; Valle; Tenorio, 2019; Valle *et al.*, 2018). Por todo o rio Negro, encontramos petróglifos identificados em lugares sagrados especiais indígenas que são Casas de Transformação Cobra-canoa (Tenório; Cabalzar, 2012; Tenório; Scolfaro, 2017), cujos conhecimentos tradicionais evocam os percursos da Canoa de Transformação (Almeida, 2019; Barbosa, 2019; Ferreira, 2019; Garcia, 2019; Pedrosa, 2019). Destaca-se, portanto, a importância do acesso e da preservação das diferentes paisagens rupestres indígenas sagradas da Amazônia (Cavallini *et al.*, 2022; Pereira *et al.*, 2016; Tuyuka *et al.*, 2022). No rio Tapajós, por exemplo, a temporalidade sagrada da arte rupestre entrelaça narrativas de heróis míticos, como *Muraycoko*, o “pai da escrita”, que, como forma de conhecimento secreto, teria convertido seus pensamentos nas imagens pintadas e nos símbolos rupestres (Munduruku; Munduruku; Valle, 2021).

Pesquisas arqueológicas realizadas em São Gabriel da Cachoeira/AM identificaram diversos tipos de sítios, como afloramentos expostos durante a vazante do rio Negro, terras pretas, vestígios líticos e fragmentos de cerâmica. Nessa região, os contextos cerâmicos são interpretados na perspectiva das artes indígenas, reconhecimento de jazidas sagradas e monumentos rochosos, nas dimensões simbólicas dos ambientes que contemplam a cultura material (Costa, A. 2022; Silva, Ana K. 2022; Monteiro, 2022). Além disso, entre os diferentes tópicos trabalhados em São Gabriel da Cachoeira, destacam-se estudos sobre cosmologia (Gama, 2022; Vaz, 2022), educação patrimonial (Henrique, 2022; Macedo Jr., 2022; Miranda, 2022), arqueobotânica (Anes, 2022), práticas agrícolas (Silva, J. 2022, 2025), produção artesanal (Costa, P., 2022), etnoarqueologia (Barros, 2022; Castro, 2022; Escobar, M. 2022, 2025; Melo, 2022), arqueoturismo (Rezende, 2022), terras pretas (Cruz, 2022) e impactos da urbanização sobre sítios arqueológicos (Alexandre, 2022; Matos, 2022; Souza, 2022).

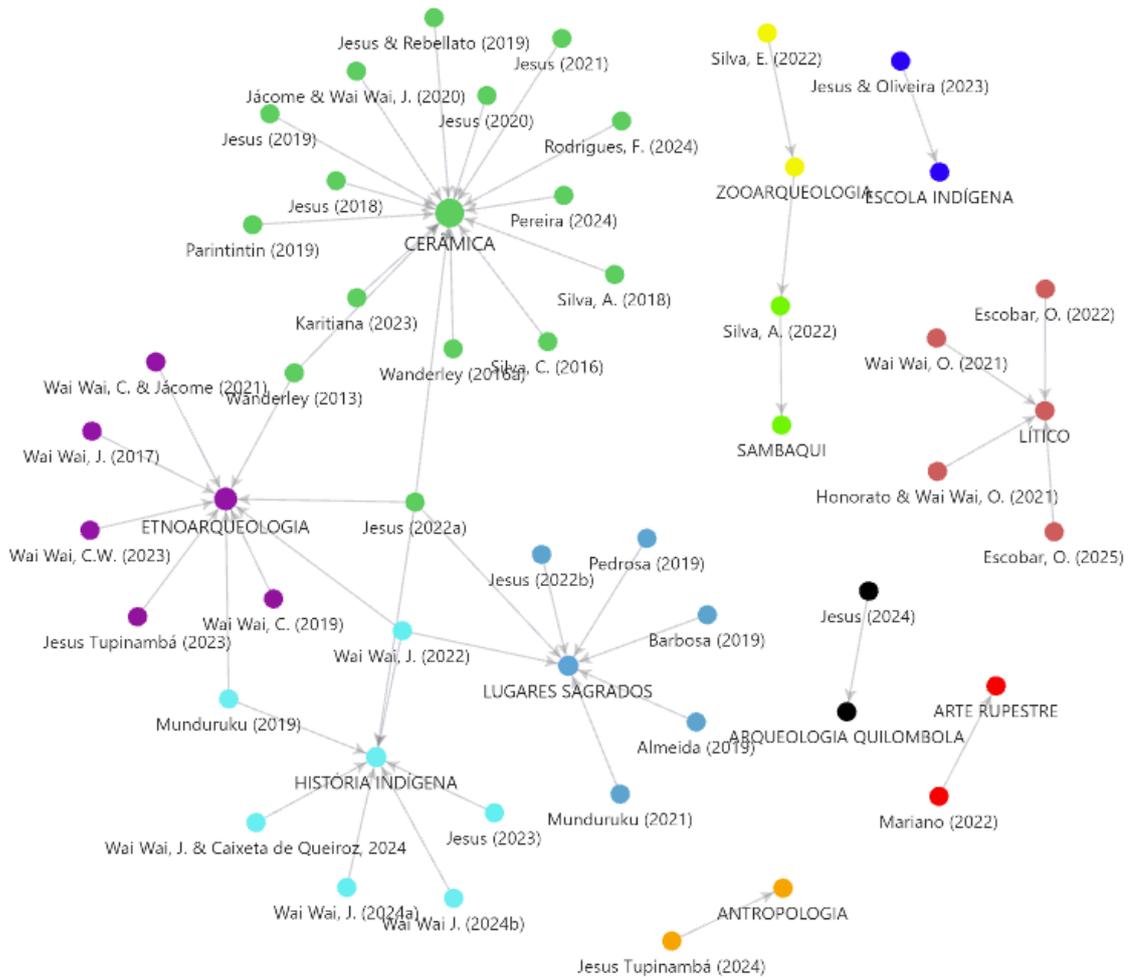
DISCUSSÃO: CONTRIBUIÇÕES DA ARQUEOLOGIA INDÍGENA PARA A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA

A arqueologia indígena é uma abordagem crítica recente que se tornou essencial na arqueologia amazônica ao evidenciar a importância dos povos indígenas para a produção do conhecimento arqueológico. Trazemos teorias e métodos participativos que incluem conhecimentos e saberes da floresta como território manejado, cultivado e simbólico, com nossas paisagens constituídas de florestas domesticadas, castanhais, caminhos invisíveis e lugares de encantamento, onde o tempo se dobra em camadas de presença ancestral. A arqueologia indígena se constitui em diálogo com a arqueologia amazônica e com novas perspectivas que trazem os indígenas como autores e pesquisadores de campo (Jesus, 2022a; Escobar, O. 2025; Munduruku, 2019; Parintintin, 2019; Silva, A., 2022; Silva, E., 2022; Wai Wai, 2022; Wai Wai, 2019; Wai Wai, 2023; Wai Wai, 2021; Wanderley, 2013).

As arqueologias colaborativas com referenciais teóricos decoloniais revalorizam a ancestralidade e cosmologia dos povos tradicionais com grande relevância para o futuro da Amazônia. Com assenso da arqueologia colaborativa que trata da cosmologia, cultura material, paisagens e interpretação dos grupos indígenas sobre sítios arqueológicos (Leitão-Barboza, 2019; Cabral, 2014; Garcia, 2012, 2017; Jácome, 2011, 2017; Jesus, 2022a; Machado, 2012, 2013; Rocha, 2012, 2017; Silva, F., 2000, 2012), com base nos estudos de reflexividade das arqueologias afrodiáspóricas, afroindígenas, quilombolas e negras, enraizadas na história da diáspora e nos modos próprios de relação com o tempo, incorporam debates contemporâneos e princípios decoloniais sobre territorialidade, identidade e epistemologias plurais insurgentes (Carmo; Vieira, 2021; Carvalho, 2012, 2018; Carvalho; Bastos, 2024; Ferreira, 2024; Jesus, 2022a, 2024; Mello, 2024; Menezes, 2024; Moraes, 2012, 2021; Moraes; Costa; Jesus, 2022; Passos, 2019; Passos; Carvalho, 2024; Passos; Carvalho; Soares, 2024; Simoni, 2024) e aportes das arqueologias comunitárias que, ao articular saberes e práticas tradicionais de povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, contribuem ativamente nas pesquisas que tratam das paisagens, das aldeias, dos territórios, das temporalidades, das cosmotécnicas e do meio ambiente (Araújo *et al.*, 2023; Balée *et al.*, 2020; Campos *et al.*, 2023; Garcia, 2020; Gomes, 2019; Honorato; Rocha, 2024; Jácome, 2020; Jesus; Rebellato, 2019; Jesus, 2020, 2022b, Jesus Tupinambá, 2023; Machado, 2016, 2017; Neves, 1999; Priprá, 2024; Rocha *et al.* 2013, 2014, 2021; Silva, F. 2009; Tuyuka *et al.*, 2022; Valle *et al.*, 2018; Wai Wai; Caixeta de Queiroz, 2024).

No contexto dos estudos indígenas, os saberes tradicionais são fundamentais na prática arqueológica centrada na participação ativa dos povos indígenas como autores, pesquisadores e detentores de saberes ancestrais. As arqueologias indígenas irrompem paradigmas ao tratar da agência indígena na formação e transformação de territórios tradicionais e ecossistemas vivos, por meio das cosmopercepções, epistemologias originárias e pluralidade das concepções indígenas no campo da arqueologia (Figura 1).

Figura 1. Gráfico das pesquisas de arqueologia indígena na Amazônia.



Fonte: Obsidian (2024).

Com isso, realizamos um diálogo entre arqueologia e pluralidade de conhecimentos indígenas para compreender como, a partir destas pesquisas e práticas, podem ser constituídos muitos dos conhecimentos ancestrais e modos indígenas de habitar o mundo. Ao reunir contribuições, buscamos refletir sobre as formas que diferentes culturas constroem, transmitem e legitimam saberes. Exploramos como essas questões podem convergir na valorização das epistemologias indígenas para pensar as arqueologias indígenas como expressões de conhecimentos vivos mais plurais e decoloniais.

Jesus (Jesus; Oliveira, 2023) na qualidade de professor na Escola Suraraitá Tupinambá (Figuras 2 e 3) e no curso de Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) (Figura 4), compreende a importância da formação de arqueólogos amazônicos e os avanços políticos, sociais e epistêmicos dos achados arqueológicos científicos conquistados pelos povos indígenas, com a reativação de vínculos afetivos com lugares

sagrados. São práticas colaborativas que promovem diálogo com epistemologias locais e encontro de saberes entre arqueólogos e grupos étnicos, que transforma arqueologia em uma ferramenta de resistência participativa. Nesse contexto, as práticas arqueológicas colaborativas convergem com diálogos fundamentados na valorização, não apenas desestabilizam paradigmas coloniais na ciência, também contribuem para a reconstituição de territórios de identidade, etnicidade e resistência, fortalecendo processos de autonomia intelectual, cultural e territorial dos povos indígenas.

Figura 2. Ritual Ara Kitiwaraitá Makuitá Sui. Semana da Consciência Indígena, com a participação de lideranças, professores, alunos e convidados. Escola Indígena Suraraitá Tupinambá, aldeia São Francisco, TI Tupinambá.



Fonte: Arquivos de pesquisa (2022).

A arqueologia indígena trabalha com epistemologias comunitárias que possibilitam uma arqueologia plural focalizada nas políticas de identidade, cosmologias e histórias dos povos indígenas que enriquecem o entendimento da dinamicidade de paisagens, florestas, rios, praias, igarapés, nossos lugares na natureza (Garcia, 2020; Honorato; Rocha, 2024; Jácome, 2020; Jesus; Rebellato, 2019; Jesus, 2018, 2019, 2022a, 2023; Jesus Tupinambá, 2023, 2024; Escobar, O. 2022, 2025; Munduruku, 2019; Silva, A., 2018, 2022; Wai Wai, 2017, 2022; Wai Wai; Caixeta de Queiroz, 2024), e que apresentam diálogo com arqueologias indígenas realizadas em outras regiões brasileiras, promovendo redes de intercâmbios de saberes, metodologias e experiências entre povos originários (Bueno; Machado, 2013; Campos; Marques, 2023; Campos; Lino, 2023; Ferreira, 2021; Reis; Guimarães, 2022; Ferreira Borum-Kren, 2024; Fonseca, 2015; Jácome, 2006, 2015;

Karitiana, 2023; Machado, 2013, 2017, 2021; Machado; Tschucambang; Fonseca, 2020; Priprá, 2015, 2021; Tschucambang, 2015).

Figura 3. Ritual Ara Kitiwaraitã Makuitã Sui. Recebimento da Coordenação de Educação Escolar Indígena (CEEI) e Secretária Municipal de Educação (SEMED). Escola Indígena Suraraitã Tupinambá, aldeia São Francisco, Terra Indígena Tupinambá.



Fonte: Arquivos de pesquisa (2022).

Na arqueologia indígena, pesquisamos sobre cosmologias, formação das aldeias e interpretação dos especialistas sobre o material arqueológico. A presença de pesquisadores indígenas na arqueologia leva à valorização dos conhecimentos tradicionais, das relações espirituais, cosmopolíticas e históricas com a paisagem. A arqueologia indígena reinscreve vínculos profundos com territórios, heranças culturais enraizadas e contínuas que constituem dimensões fundamentais na construção de olhares renovados sobre as trajetórias históricas singulares de cada povo indígena.

Conjuntamente, a arqueologia amazônica focaliza contextos de sítios cerâmicos, recentemente incorporando os estudos sobre as modificações dos povos indígenas nas paisagens ambientais como marcadores culturais. Nesse sentido, a arqueologia amazônica passa a ser caracterizada pela inclusão das autorias indígenas na produção arqueológica sobre populações pré-coloniais, históricas e contemporâneas. Em contraste com a perspectiva colonial, o conhecimento indígena torna-se integrante do processo científico.

As perspectivas indígenas sustentam uma reinterpretação aprofundada dos dados arqueológicos e se articulam com saberes complementares das ciências sociais, ecologia, história, artes e outras áreas que enriquecem a pesquisa arqueológica. São trabalhos interdisciplinares que conectam campos como a etnoarqueologia, zooarqueologia, análise

de cerâmica, arte rupestre e estudos de material lítico, em domínios ainda pouco explorados pelos pesquisadores indígenas. Nossa prática arqueológica contribui na construção de uma ciência diversa, enraizada e sintonizada com as epistemologias originárias.

Figura 4. Aula na disciplina História e Teoria da Arqueologia, que contou com ritual de agradecimento na árvore Samaúma e produção, pintura e ensino de grafismo.



Foto: Hudson de Jesus (2024).

A história da Amazônia, a partir da análise das cerâmicas arqueológicas, permite pensar trajetórias de longa permanência e profundidade temporal dos povos indígenas. A tecnologia de fabricação de cerâmica, os modos de ocupação territorial e a historicidade indígena revelam dinâmicas contínuas de habitação, relações sociais e práticas ancestrais de domesticação da paisagem (Garcia, 2012, 2017; Jesus, 2022a; Machado, 2012). A articulação entre práticas sociocsmológicas e diferentes temporalidades possibilita pensar a paisagem como lugar de ancestralidade, mitos e práticas xamânicas. Estudos sobre decoração cerâmica mostram como padrões estilísticos expressam conexões interétnicas e redes regionais entre distintos grupos linguísticos, indicando continuidades técnicas mesmo diante das transformações pós-coloniais nos modos de produção cerâmica (Jácome, 2011, 2017; Jesus, 2022a; Rocha, 2012, 2017). A diversidade dos povos indígenas nas aldeias pré-coloniais configura um cenário de transformações relacionadas à construção e formação própria de florestas e territórios. Estas sociedades responderam de forma ativa aos desafios ecológicos, moldando seus territórios para garantir sustentabilidade e qualidade de vida, como demonstram estratégias agrícolas e de gestão de recursos hídricos, faunísticos e pesqueiros (Prestes-Carneiro, 2013, 2017).

O conceito de arqueologia viva de Jesus (2022a) amplia o alcance epistemológico da disciplina ao incorporar narrativas, cosmologias, práticas territoriais e modos próprios de percepção do tempo e da paisagem. Uma reflexão desta revisão é que atividades como escavação, análise de artefatos, estudo da estratigrafia, datação e outros procedimentos técnicos podem ser adaptados às especificidades e à cosmovisão indígena. A junção entre metodologias arqueológicas e os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas pode viabilizar formas de pesquisa colaborativas que priorizem as realidades culturais, o diálogo e a participação ativa das comunidades indígenas na produção do conhecimento arqueológico. É essencial reconhecer e respeitar os vínculos espirituais, simbólicos e afetivos que mantemos com nossos sítios arqueológicos, florestas e rios, entendidos como territórios vivos.

CONCLUSÃO

A arqueologia indígena lida com práticas-rituais, modos de vida, agricultura tradicional, festas e costumes, com o objetivo de refletir sobre as relações entre o material arqueológico, as aldeias e os territórios. Nós, arqueólogos indígenas, pesquisamos cultura material, os hábitos, os saberes, os simbolismos e as tradições dos nossos antepassados, vivenciados em cada comunidade, fortalecemos a importância da ancestralidade e da transmissão de aprendizado entre as gerações. Os povos indígenas demonstram interesse nos artefatos encontrados nas aldeias e no meio ambiente, sua importância para reprodução cultural e explicação do fabrico dos materiais. Nossas histórias articulam cosmologia, xamanismo, rituais, ancestralidade e patrimônio cultural, entrelaçando um sistema de saberes que, nas tradições míticas, se vinculam a elementos da paisagem, como rios, florestas, canais, igarapés, planaltos e montanhas. Tais referências expressam concepções cosmológicas e relações ontológicas com o mundo natural, evidenciando a dimensão espiritual e simbólica desses ambientes. As arqueologias indígenas tematizam identidade e política indígena, afirmação étnica, práticas de cura, relações com a floresta, sistemas econômicos tradicionais, coleta de plantas, frutos, sementes e flores, além das alianças e do parentesco entre comunidades.

A formação das aldeias dos povos amazônicos é herança da ocupação pleistocênica e holocênica das comunidades indígenas, refletindo formas ancestrais de habitar enraizadas no território. Esses modos de vida envolvem relações cosmológicas e práticas territoriais contínuas, com nossas aldeias sendo expressões vivas de paisagens culturais moldadas por saberes ancestrais, epistemologias próprias e formas indígenas de historicidade. Aldeias, habitações e territórios constituem paisagens sagradas, nas quais se inscrevem os percursos dos ancestrais, os elementos dos encantados e os fundamentos da existência coletiva dos povos originários. A arqueologia indígena representa, portanto, uma nova escola crítica para reavaliar a história das populações pré-coloniais e históricas, que desponta rica e complexa. Suas contribuições são fundamentais para repensar a arqueologia amazônica, transformando-a de uma prática externa às realidades locais para uma disciplina crítica e comprometida com os povos da floresta. Essa valorização do patrimônio cultural e dos modos sustentáveis de uso da terra permite um melhor enfoque sobre formação territorial e políticas públicas voltadas à criação de unidades de conservação e à demarcação das terras indígenas. Com a participação das perspectivas indígenas na produção do conhecimento arqueológico, é possível construir um campo científico respeitoso, interdisciplinar e comprometido com o futuro da Amazônia e de seus habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Edmundo. *Levantamento dos sítios arqueológicos em São Gabriel da Cachoeira-AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

- ALMEIDA, Uremini. Lugares sagrados e sítios arqueológicos no entorno da comunidade Matapi do baixo Uapés. *ARU*, n. 3, p. 24-41, 2019.
- ALVES, Daiana. Plant food consumption and the origin of amazonian dark earth in the lower Tapajós region. In: STENBORG, Per. (org.). *Beyond waters: archaeology and environmental history of the amazonian inland*. Gothenburg (SE): University of Gothenburg Press, 2016. p. 61-70.
- ANES, Joelma. *Arqueobotânica na América do Sul: uma revisão sistemática*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- ARAÚJO, Ordália C. G. *et al.* Protagonismo indígena: natureza, cultura e território. *Habitus*, v. 21, n. 1, p. 4-8, 2023.
- ATALAY, Sonya. *Community-based archaeology: research with, by, and for indigenous and local communities*. Berkeley (US): University California Press, 2012.
- BALÉE, Willian *et al.* Ancient transformation, current conservation: traditional forest management on the Iriri river, Brazilian Amazonia. *Human Ecology*, v. 48, p. 1-15, 2020.
- BARBOSA, Marcos R. Por que os lugares sagrados são importantes para o povo Tuyuka em São Pedro, alto Tiquié? *ARU*, n. 3, p. 58-67, 2019.
- BARROS, Jorge. *Morro da Fortaleza, sua riqueza, sua história*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- BORGES, Caroline; PRESTES-CARNEIRO, Gabriela P. Morcegos, humanos e pandemias: perspectivas de longa duração para o entendimento das relações entre sociedades e ambientes. *Tessituras*, v. 8, n. 1, p. 128-156, 2020.
- BRUCHAC, Margaret M. Imagining the future of indigenous archaeologies. In: BRUCHAC, Margaret M.; HART, Siobhan M.; WOBST, H. Martin (ed.). *Indigenous archaeologies: a reader on decolonization*. New York (US): Routledge, 2010. p. 363-368.
- BUENO, Lucas; MACHADO, Juliana S. Arqueologia, memória e história indígena: uma introdução. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 1, p. 10-14, 2013.
- CABRAL, Mariana. *No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- CAMPOS, Luana *et al.* Por uma arqueologia não colonialista: entrevista com Paulette Steeves. *Habitus*, v. 21, n. 1, p. 263-280, 2023.
- CAMPOS, Luana; LINO, Jaisson T. A revalorização do patrimônio indígena brasileiro frente às alterações climáticas. *Fronteiras*, v. 1, p. 88-109, 2023.
- CAMPOS, Luana C. S.; MARQUES, Elber S. O papel social da cosmologia Macuxi para a comunidade Camararém – Raposa Serra do Sol. *Habitus*, v. 21, p. 169-184, 2023.
- CARMO, Sura C.; VIEIRA, Flávia C. C. Ancestralidades reveladas: uma análise da arqueologia da diáspora africana no Brasil. *Kwanissa*, v. 4, n. 11, 2021.
- CAROMANO, Caroline F.; TRINDADE, Thiago B.; CASCON, Leandro M. O ensino da arqueologia visto dos bancos da Pós-Graduação. *Habitus*, v. 12, n. 2, p. 205-220, 2014.

- CARVALHO, Patrícia. *A travessia atlântica de árvores sagradas: estudos de paisagem e arqueologia em área de remanescentes de quilombo em Vila Bela/MT*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CARVALHO, Patrícia. *Visibilidade do negro: arqueologia do abandono na comunidade quilombola do Boqueirão, Vila Bela/MT*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- CARVALHO, Patricia M.; BASTOS, Rossano L. Sítio arqueológico do Quilombo Saracura: a insurgência do movimento negro pelo direito à memória na cidade de São Paulo. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 2, p. 81-101, 2024.
- CASTRO, Junildo. *Levantamento etnoarqueológico e etnohistórico na comunidade de Pari-Cachoeira em SGC – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- CAVALLINI, Marta *et al.* The Arara Vermelha Rock Shelter, Roraima, Brazil: perspectives concerning amazonian sheltered petroglyphs. In: CARRERO-PAZOS, Miguel *et al.* (ed.). *Archaeology of Prehistoric art, rock art research in the digital era*. Case studies from the 20th International Rock Art Congress IFRAO, 2018, Valcamonica (Italy). Oxford (UK): BAR Publishing, 2022. p. 7-24.
- COSTA, Ana. *Cerâmica Tukano no alto rio Negro: a dinâmica da arte decorativa*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- COSTA, Patrícia. *Sementes utilizadas no artesanato na Comunidade Ilha das Flores em SGC – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- CRUZ, Vanderley. *Zoneamento da terra preta de índio na comunidade de Warua em SGC – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- ESCOBAR, Maria. *Etnoconhecimento dos povos indígenas do alto rio Negro: beiju, alimento para a vida*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- ESCOBAR, Maria. *Ilha de Duraka: tradições familiares que brotam da roça*. Dissertação (Mestrado em Diversidade Sociocultural/Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade do Federal do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2025.
- ESCOBAR, Odanilde. *Heranças ancestrais: polidores, afiadores em São Gabriel da Cachoeira – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, 2022.
- ESCOBAR, Odanilde. *Rio Negro ancestral: marcas e narrativas nas pedras em São Gabriel da Cachoeira – AM*. Dissertação (Mestrado em Diversidade Sociocultural) – Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 2025.
- FERREIRA BORUM-KREN, Gabrielle. *Nimu Borum: Nan Brukuku Tchome. Nimu Borum: a criança avermelhada que veio da árvore*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.
- FERREIRA, Anderson. A história do povo Werekena do rio Xié. *ARU*, n. 3, p. 68-85, 2019.
- FERREIRA, Gabrielle R. Eu tinha um nome, um sorriso, uma ancestralidade e uma voz. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 1, p. 137-146, 2024.

- FERREIRA, Gabrielle. *O espetáculo da morte: bioarqueologia nos cerritos do Pontal da Barra e Lagoa do Fragata*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.
- FONSECA, Jidean R. *O conhecimento dos sábios sobre a cerâmica na terra indígena Xokleng/Laklânô*. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- GAMA, Anjo. Um sobrevoo pela cosmologia e o sagrado sob o olhar do clã Tukano *B'O OHSOÓ KAAP' PERIPONÁ*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- GARCIA, Lorena G. Arqueologia e histórias de vida: uma experiência com os Tupinambá de Belmonte, BA. *Brasiliiana*, v. 9, n. 2, p. 52-71, 2020.
- GARCIA, Lorena. *Arqueologia na região dos interflúvios Xingu-Tocantins: a ocupação Tupi no Caeté*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- GARCIA, Lorena. *Paisagens do médio-baixo Xingu*. Arqueologia, temporalidade e historicidade. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- GARCIA, Sidney. A origem dos *yoopinai* e das doenças do mundo. *ARU*, n. 3, p. 86-101, 2019.
- GOMES, Denise. Cronologia e conexões culturais na Amazônia: as sociedades formativas na região de Santarém, PA. *Revista de Antropologia*, v. 54, p. 268-314, 2011.
- GOMES, Jaqueline. Uma perspectiva ontológica para uma análise etnoarqueológica das paisagens do Lago Amanã, baixo Japurá, Amazonas. *Vestígios*, v. 12, p. 60-81, 2019.
- HENRIQUE, Rosinéia. *Levantamento de coleções arqueológicas em poder dos moradores da área urbana de SGC – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- HONORATO DE OLIVEIRA, Vinicius. *Shatters among sherds: a study of lithic assemblages of the Upper Tapajós river*. Dissertation (Master's in Archeology) – Institute of Archaeology, University College London, London, 2015.
- HONORATO DE OLIVEIRA, Vinicius; WAI WAI, Otekmi. Entre o perecível e o indelével: o *xkmari* Wai Wai. *Revista de Arqueologia*, v. 34, n. 3, p. 233-254, 2021.
- HONORATO, Vinicius; ROCHA, Bruna. Arqueologia dos povos da floresta. *Estudos Avançados*, v. 38, n. 112, p. 31-54, 2024.
- JÁCOME, Camila. Aprender e ensinar, algumas reflexões sobre arqueologias indígenas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 35, p. 14-35, 2020.
- JÁCOME, Camila. *Ayquatiá da Yapepó*. Estudo dos materiais utilizados na cerâmica pintada Tupiguarani de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- JÁCOME, Camila. Cataguás, mitos de uma história indígena. In: CATÃO, Leandro *et al.* (org.). *Divinópolis história e memória: volume 1, história e religião*. Belo Horizonte: Crisálida, 2015. p. 1-25.
- JÁCOME, Camila. *Do Waiwai ao Pooco – fragmentos da história e arqueologia dos povos dos rios Mapuera (Mawtohri), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu)*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

- JÁCOME, Camila. *Pelo rio Mapuera: reflexões sobre arqueologia e etnologia indígena na Amazônia e Guiana*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- JÁCOME, Camila; GLÓRIA, Elber. Halfway between the Guianas and Lower Amazon: archaeology in the Trombetas basin. In: BARRETO, Cristiana *et al.* (ed.). *Koriabo*. From the Caribbean sea to the Amazon river. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2021. p. 145-162.
- JÁCOME, Camila *et al.* Pluralidade dos acervos epistêmicos na Amazônia: história, gestão e desafios do Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú (UFOPA). *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, 306-329, 2020.
- JÁCOME, Camila; RODRIGUES, Igor; WAI WAI, Cooni. Corpos fragmentados feitos de olhares: perspectivas Wai Wai e Karaiwa. *Revista de Arqueologia*, v. 36, n. 3, p. 390-423, 2023.
- JÁCOME, Camila; WAI WAI, Jaime. A paisagem e as cerâmicas arqueológicas na bacia Trombetas: uma discussão da arqueologia Karaiwa e Wai Wai. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 15, n. 3, p. 1-25, 2020.
- JESUS TUPINAMBÁ, Hudson R. M. Arqueologia ancestral na aldeia São Francisco, baixo Tapajós, Amazônia. *Habitus*, v. 21, n. 1, p. 74-86, 2023.
- JESUS TUPINAMBÁ, Hudson R. M. Que mudanças os indígenas estão trazendo para a antropologia: olhares sobre a variedade de estilos de antropologia indígena no Brasil. *Nanduty*, v. 12, n. 19, p. 246-257, 2024.
- JESUS, Hudson R. M. Arqueologia por quilombolas no Brasil: uma narrativa Tupinambá do baixo Tapajós, Santarém. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 1, p. 126-136, 2024.
- JESUS, Hudson R. M. Entre vivências e cerimônias: estudo arqueológico de contexto cerâmico em Santarém, Pará. *Tarairiú*, v. 1, n. 18, p. 77-93, 2021.
- JESUS, Hudson R. M. Patrimônio *Tapajowara* no Sítio Porto: herança cultural e resistência étnica na região de Santarém, rio Tapajós. *Revista de Ciências Humanas CAETÉ*, v. 6, n. 2, p. 86-102, 2019.
- JESUS, Hudson R. M. *Traços dos Tapajó: análises de cerâmicas arqueológicas do Sítio Porto de Santarém (PA-ST-42)*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018.
- JESUS, Hudson R. M. Traços dos Tapajó: análises de cerâmicas arqueológicas do Sítio Porto de Santarém (PA-ST-42). In: MAGESTE, Leandro *et al.* (org.). *Arqueologia e patrimônio: vol. I – experiências, métodos e teorias*. São Raimundo Nonato: Univasf, 2020. cap. 7, p. 92-105.
- JESUS, Hudson R. M. *Yané Rĩdáwa Tĩdáwa São Francisco: arqueologia ancestral na Terra Indígena Tupinambá, rio Tapajós, Amazônia*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2022a.
- JESUS, Hudson R. M. Yãdé Kiiribawa Yepé Wasú! Reflection on the Tupinambá battle for the protection your territory. *Revista Arqueologia Pública*, v. 17, p. 1-30, 2022b.
- JESUS, Hudson R. M. Yãdé Kiiribawa Yepé Wasú! Uma reflexão sobre a luta Tupinambá em defesa do seu território. *Caderno 4 Campos*, v. 7, n. 2, p. 39-64, 2023.
- JESUS, Hudson R. M.; OLIVEIRA, Luanna. Vivência como professor na Escola Indígena Suraraitá Tupinambá, rio Tapajós, Amazônia. *Amazônida*, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2023.
- JESUS, Hudson R. M.; REBELLATO, Lilian. Avaliação arqueológica em artefatos cerâmicos encontrados em Santarém: áreas 4A e 4B do Sítio Porto. In: SILVESTRE, Luciana. (org.).

As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano, vol. 1. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. cap. 17, p. 180-192.

JOFRÉ, Ivana Carina. *Los pájaros nocturnos de la historia*. Una arqueología indígena de las sociedades capayanas del norte de la provincia de San Juan. Tesis (Doctorado en Ciencias Humanas) – Facultad de Humanidades, Universidad Nacional de Catamarca, Catamarca, 2013.

KARITIANA, Jessica. *As tecnologias ceramistas Tupi-Arikém: um estudo etnoarqueológico sobre a cadeia operatória de produção, uso e abandono*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2023.

LEITÃO-BARBOZA, Myrian S. *Tükuna cosmopolitical cartography: the gendered meaning and use of territories by Katukina indigenous people (Biá river, Brazilian Amazonia)*. Thesis (PhD in Anthropology) – Department of Anthropology, University of Florida, Gainesville (USA), 2019.

LEITÃO-BARBOZA, Myrian S.; TUKANO, Larissa D. Y.; WAIWAI, Jaime X. “Corpoterritorialização” Katukina: lampejos etnográficos sob as perspectivas femininas indígenas. *Amazônica*, v. 11, n. 2, 2019.

MACEDO JR., João B. P. *Prática da educação patrimonial na Escola Estadual Irmã Inês Penha em SGC – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

MACHADO, Juliana. Arqueologias indígenas, os Laklãno Xokleng e os objetos do pensar. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 89-119, 2017.

MACHADO, Juliana. Caminhos e paradas. Perspectivas sobre o território Laklãnõ (Xokleng). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 27, p. 179-196, 2016.

MACHADO, Juliana. História(s) indígena(s) e a prática arqueológica colaborativa. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 2, p. 72-85, 2013.

MACHADO, Juliana. Histórias roubadas: (des)encontros entre arqueólogos, sítios, coleções arqueológicas e os Laklãnõ-Xokleng no Alto Vale do Itajaí, SC. *Hawò*, v. 2, p. 1-49, 2021.

MACHADO, Juliana. *Lugares de gente: mulheres, plantas e redes de troca no Delta amazônico*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MACHADO, Juliana; TSCHUCAMBANG, Copacãm; FONSECA, Jidean. Stones, clay and people among the Laklãnõ Xokleng indigenous people in Southern Brazil. *Archaeologies* v. 16, p. 460-491, 2020.

MARIANO, Aciuly. *Comunidade indígena do Cabari: sua história, sua gente, sua língua e suas representações culturais do alto rio Negro/Amazonas*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

MATOS, Marinelva. *Impactos sobre os registros arqueológicos na área urbana de São Gabriel da Cachoeira – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

MELLO, Louise. À beira do rio e à margem da história: (re)ocupando espaços através da etnoeducação patrimonial e da reexistência de uma comunidade quilombola no Guaporé afroamazônico. *Cadernos do LEPAARQ*, v. 20, n. 40, p. 107124, 2024.

MELO, Rosilvado. *Dinâmica de Estampas expostas no Sítio Aquidaban em SGC – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

- MENEZES, Pedro. Caracterizar o quilombo como instituição africana: princípios para arqueologia brasileira a partir de Beatriz Nascimento. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 1, p. 3048, 2024.
- MILLION, Tara. *Using circular paradigms within an archaeological framework: receiving gifts from White Buffalo calf woman*. Thesis (Master of Arts) – University of Alberta, Edmonton, 2002.
- MIRANDA, Joziane. *Educação patrimonial: Morro da Fortaleza e sua importância arqueológica para São Gabriel da Cachoeira – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- MONTEIRO, Áureo. *A arte iconográfica do Povo Tukano na cerâmica contemporânea do alto rio Negro em SGC – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- MORAES, Irislane. *Arqueologia ‘na flor da terra’ quilombola: ancestralidade e movimentos Sankofa no território dos povos do Aproaga – Amazônia paraense*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- MORAES, Irislane. *Do tempo dos pretos d’antes aos povos do Aproaga: patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no vale do rio Capim/PA*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- MORAES, Irislane; COSTA, Luciana; JESUS, Luciana. Arqueologia, lugar de fala e conexões afrodiaspóricas: experiências no território quilombola dos povos do Aproaga – Amazônia paraense. *Cadernos do LEPAARQ*, v. 19, n. 37, p. 55-74, 2022.
- MUNDURUKU, Jair. *Caminhos para o passado: Oca’õ, Agõkabuk e cultura material Munduruku*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.
- MUNDURUKU, Jair. Paths to the past through *Oca’õ, Agõkabuk* and Munduruku material culture. In: SUNNUCKS, Laura; COOPER, Jago. (ed.). *Mapping a new museum*. Politics and practice of latin american research with the British Museum. Translated by María Miranda. London (UK): Routledge, 2021. p. 1-11.
- MUNDURUKU, Jairo; MUNDURUKU, Eliano; VALLE, Raoni. *Muraycoko Wuyta’a Be Surabudodot/Ibararakat: rock art and territorialization in contemporary Indigenous Amazonia – the case of the Munduruku people from the Tapajós River*. In: ROZWADOWSKI, Andrzej; HAMPSON, Jamie. (org.). *Visual Culture, Heritage and Identity*. Using rock art to reconnect past and present. Oxford (UK): Archaeopress, 2021. p. 107-119.
- NEVES, Eduardo. Arqueologia, história indígena e o registro etnográfico: exemplos do alto do rio Negro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, p. 319-30, 1999. Suplemento 3.
- NICHOLAS, George; WATKINS, Joe. Indigenous archaeologies in archaeological theory. In: SMITH, Claire. (ed.). *Encyclopedia of global archaeology*. New York (US): Springer, 2014. p. 3777-3786.
- PARINTINTIN, Eldissandra. *Sobre cerâmica arqueológica: discussão da gestão do acervo cerâmico no sítio arqueológico Donza, RO*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019.
- PARINTINTIN, Eldissandra. Território indígena Kaxarari: conflitos e resistência. *Geographia Opportuno Tempore*, v. 10, n. 1, p. 1-9, 2024.
- PASSOS, Lara. *Arqueopoesia: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

- PASSOS, Lara; CARVALHO, Patrícia. Reconhecendo vestígios de uma arqueologia negra coletivamente atuante no Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 1, p. 3-7, 2024.
- PASSOS, Lara; CARVALHO, Patrícia; SOARES, Alice. Apresentação: Rede de Arqueologia Negra – NegrArqueo 2018 – 2024: retalhos históricos de movimentações coletivas. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 2, p. 6-29, 2024.
- PEDROSA, João. Como revitalizar os conhecimentos sobre os lugares sagrados no baixo e médio rio Tiquié? *ARU*, n. 3, p. 42-57, 2019.
- PEREIRA, Edithe *et al.* Possíveis práticas rituais nas cavernas com arte rupestre de Rurópolis (Pará). *Habitus*, v. 14, n. 1, p. 5-26, 2016.
- PEREIRA, Josenaldo. *Vestígios arqueológicos encontrados na aldeia Arimum e seus significados para a aldeia*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2023.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* A case of subsistence fishery in an Amazonian pre-Columbian settlement: the Hatahara site (Amazonas-Brazil). *Journal of Archaeological Science: Reports*, v. 8, p. 454-462, 2016.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Archaeological history of Middle Holocene environmental change from fish proxies at the Monte Castelo archaeological shell mound, Southwestern Amazonia. *The Holocene*, v. 30, n. 11, p. 1606-1621, 2020a.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* *Los peces del río Iténez* Conocimiento local de la comunidad Versalles. La Paz (BO): Plural editores, 2020b.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Pre-Hispanic fishing practices in interfluvial Amazonia: zooarchaeological evidence from managed landscapes on the Llanos de Mojos savanna. *PloS One*, v. 14, n. 5, p. 1-29, 2019.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Waterscapes domestication: an alternative approach for interactions among humans, animals, and aquatic environments in Amazonia across time. *Animal frontiers*, v. 11, n. 3, p. 92-103, 2021.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela. *La pêche dans le Sud-Ouest de l'Amazonie au cours de l'Holocène: étude des sites de Loma Salvatierra (Bolivie) et Monte Castelo (Brésil)*. Thesis (Doctorat em Sciences de la nature et de l'homme) – Muséum National d'histoire Naturelle, Paris / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela. *Um cas de subsistance par pêche en Amazonie: le site archéologique de Hatahara (Amazonas, Brésil)*. Dissertation (Master em Quaternaire et Préhistoire) – Museum National d'Histoire Naturelle, Paris, 2013.
- PRIPRÁ, Walderes. *Laklânô, the Daughter of the Sun and Her Journey*. In: NICHOLAS, George; WATKINS, Joe. (ed.). *Working as indigenous archaeologists*. Reckoning new paths between past and present lives. Abingdon (UK): Routledge, 2024. p. 413-419.
- PRIPRÁ, Walderes. *Lugares de acampamento e memória do povo Laklânô/Xokleng, Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- PRIPRÁ, Walderes. *O Mõg como instrumento pedagógico na educação escolar indígena: uma experiência Laklânô/Xokleng*. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF: Ed. UnB, 1992.

- RAPP PY-DANIEL, Anne *et al.* *Uma Santarém mais antiga sob o olhar da arqueologia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2017.
- REBELLATO, Lilian. *Amazonian dark earths: a case study in the Central Amazon*. Thesis (PhD in Geography) – Department of Geography, University of Kansas, Kansas, 2011.
- REIS, Gabrielle; GUIMARÃES, Isabella A. Quatro mãos e muitas vozes: um diálogo sobre insistências e [re]existências na arqueologia e antropologia brasileira. *Revista de Arqueologia*, v. 35, n. 1, p. 84-93, 2022.
- REZENDE, Elaine. *O arqueoturismo no alto rio Negro: Sítio Buburi*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- ROCHA, Bruna *et al.* Arqueologia pelas gentes: um manifesto. Constatações e posicionamentos críticos sobre a arqueologia brasileira em tempos de PAC. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 1, 130-140, 2013.
- ROCHA, Bruna *et al.* Espoliação e resistência em territórios tradicionalmente ocupados nas bacias do Tapajós e Trombetas, Pará. *Ambiente & Sociedade*, v. 24, p. 1-21, 2021.
- ROCHA, Bruna *et al.* Na margem e à margem: arqueologia amazônica em territórios tradicionalmente ocupados. *Amazônica*, v. 6, n. 2, p. 360-384, 2014.
- ROCHA, Bruna *et al.* *Tapajós sob o Sol: mergulho nas características ecológicas, socioculturais e econômicas da bacia hidrográfica*. Brasília, DF: International Rivers, 2022.
- ROCHA, Bruna. *Ipi Ocemumuge: a regional archaeology of the Upper Tapajós river*. Thesis (PhD in Archaeology) – Institute of Archaeology, University College London, London, 2017.
- ROCHA, Bruna. The Incised Punctate Tradition: evidence of a 'Lingua Franca' in operation? A view from one of its peripheries. In: BARRETO, Cristiana *et al.* (ed.). *Koriabo*. From the Caribbean sea to the Amazon river. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2021. p. 267-286.
- ROCHA, Bruna. *What can ceramic decoration tell us about the Pre- and Post- Colonial past on the Upper Tapajós river?* Dissertation (Master in Archaeology) – Institute of Archaeology, University College London, London, 2012.
- ROCHA, Bruna; HONORATO, Vinicius. Historical Ecology as an instrument in defence of forest peoples: reflections from the Tapajós River, Brazil. In: ODONNE, Guillaume; MOLINO, Jean-François. (org.). *Methods in Historical Ecology*. Insights from Amazonia. London (UK): Routledge, 2020. p. 153-161.
- ROCHA, Bruna; TORRES, Mauricio; MOREIRA, Fernanda. Histórias entrelaçadas: indígenas, beiradeiros e colonos acima das cachoeiras do Tapajós. In: COLARES, Paula *et al.* (org.). *Políticas, concepções e práticas de ação afirmativa: reflexões a partir de uma universidade Amazônica*. Brasília, DF: Rosivan Diagramação & Artes Gráficas, 2021. p. 41-63.
- RODRIGUES, Francicleide. *Jaca e Paraná-Pixuna: arqueologia, história, memória e mapeamento colaborativo, no território Tupinambá, baixo rio Tapajós/PA*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2024.
- RODRIGUES, Igor. *Tramas da tecnologia: etnoarqueologia da variabilidade dos trançados dos povos do Mapuera*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- RODRIGUES, Igor; KATER, Tiago; WAI WAI, Jaime. Arqueologia indígena dos povos do rio Mapuera: entrevista com Jaime Xamen Wai Wai. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 35, p. 114-121, 2020.

- RODRIGUES, Igor; WAI WAI, Jaime. Coleções históricas e arqueologia: narrativas Wai Wai do passado recente. In: HISSA, Sara et al. (org.). *Arqueologias históricas nos rios Tapajós, Trombetas e Amazonas*. Curitiba: Appris Editora, 2024.
- RODRIGUES, Igor; WAI WAI, Jaime; WAI WAI, Roque; HISSA, Sara. Abrindo camadas para o conhecimento: ensaio imagético de alguns *ñokwa* dos *yaskomo* Wai Wai. *Vestígios*, v. 18, n. 2, 41-56, 2024.
- SANTOS, Lucas. *Arqueologia do passado recente na T.I. Tupinambá de Belmonte, extremo sul da Bahia: memórias, lugares e objetos*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2024.
- SCHAAN, Denise. A indústria cerâmica dos Tapajó. In: SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. (org.). *Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém*. Belém: Gráfica Supercores, 2015. Cap. 4, p. 101-114.
- SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. As escavações no Sítio Porto de Santarém. In: SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. (org.). *Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém*. Belém: Gráfica Supercores, 2015. Cap. 2, p. 35-59.
- SILVA, Ana Keila Fontes da. *Monumentos rochosos da comunidade Ipanoré em São Gabriel da Cachoeira – AM: as evidências históricas do passado de um povo*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- SILVA, Ana Caroline Arapiun. “No meio do pitiú”: diversidade e antiguidade de sambaquis amazônicos. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2022.
- SILVA, Ana. *De mãe pra filhos: transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018.
- SILVA, Carlos. *Área de interface ceramista pretérita: a coleção arqueológica José Alberto Neves*. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.
- SILVA, Carlos. *Em busca do tempo perdido: fragmento soterrado entre rios e florestas é o que resta da história ameríndia pretérita em Manaus*. Manaus: BK Editora, 2011.
- SILVA, Elinalda. *Uso das plantas na caça e pesca – a cultura material das antigas armadilhas indígenas e as tecnologias perecíveis no baixo Tapajós, povo Kumaruara*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2022.
- SILVA, Fabíola. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 4, p. 27-37, 2009.
- SILVA, Fabíola. *As tecnologias e os seus significados. Um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SILVA, Fabíola. Mito e arqueologia: a interpretação dos Asuriní do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu/PA. *Horizontes Antropológicos*, ano 8, n. 18, p. 175-187, 2002.
- SILVA, Fabíola. O plural e o singular das arqueologias indígenas. *Revista de Arqueologia*, v. 25, n. 2, p. 24-42, 2012.

- SILVA, Fabíola; BESPALAZ, Eduardo; STUCHI, Francisco. Arqueologia colaborativa na Amazônia: terra indígena Kuatinemu, rio Xingu, Pará. *Amazônica*, v. 3, n. 1, p. 34-59, 2011.
- SILVA, Francini *et al.* Flautas, banhas e caxiris: os gestos e os materiais perecíveis do passado resgatados no presente. *Revista de Arqueologia*, v. 34, n. 3, p. 255-282, 2021.
- SILVA, Francini; SHOCK, Myrtle; PRESTES-CARNEIRO, Gabriela. Balaios de plantas e animais: conservação de macrovestígios orgânicos arqueológicos. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, p. 279-305, 2020.
- SILVA, Jurandir. *A relação entre a coivara e a terra preta de índio em SGC – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- SILVA, Jurandir. *Coivara: uma prática milenar no manejo agrícola indígena na Associação Agrícola Teotônio Ferreira em São Gabriel da Cachoeira-AM*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade do Federal do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2025.
- SIMONI, Rosinalda. Os quilombos na diáspora e o papel da Arqueologia: lutas históricas e desafios, uma escrita na primeira pessoa. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 2, p. 30-43, 2024.
- SMITH, Claire; WOBST, Hans Martin. (ed.). *Indigenous archaeologies: decolonizing theory and practice*. New York (US): Routledge, 2005.
- SOUSA, Gabriela. *Os Arapium e as evidências arqueológicas em Vila Franca: um olhar indígena sobre uma arqueologia histórica*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2024.
- SOUZA, Rosa. *Um lugar, dois significados: um estudo no Morro Boa Esperança na cidade de SGC – AM*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- STEEVES, Paulette. *The indigenous paleolithic of the Western hemisphere*. Lincoln (US): University of Nebraska Press, 2021.
- TENÓRIO, Poani; CABALZAR, Aloiso. No caminho da cobra de pedra. Narrativa de transformação e lugares importantes para os Tuyuka do alto Tiquié. In: ANDRELLLO, Geraldo. (org.). *Rotas de criação e transformação – narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro*. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN; São Paulo: ISA, 2012. p. 42-53.
- TENÓRIO, Poani; SCOLFARO, Aline. Casa fria de transformação. *ARU*, v. 1, p. 122-129, 2017.
- TSCHUCAMBANG, Copacãm. *Artefatos arqueológicos no território Laklãnõ/Xokleng-SC*. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- TUHIWAI SMITH, Linda. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Tradução de Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.
- TUYUKA, Poani *et al.* *Tʰoñase Masise Tutuase – memory, knowledge and power between Tukanoan Kumuã and rock art Wametisé in the Middle Tiquié River, Northwest Amazonia*. In: ZUBIETA, Leslie. (ed.). *Rock art and memory in the transmission of cultural knowledge*. Cham (DE): Springer International Publishing, 2022. p. 47-76.
- TUYUKA, Poani; VALLE, Raoni. *ʘã Wori – um diálogo entre conhecimento Tuyuka e arqueologia rupestre no baixo rio Negro, Amazonas, Brasil*. *Tellus*, n. 39, p. 17-37, 2019.

- VALLE, Raoni. Arqueologia rupestre no baixo rio Negro. Diálogo com as perspectivas indígenas do alto Negro – Amazônia Ocidental Brasileira. In: ANDRELLLO, Geraldo. (org.). *Rotas de criação e transformação* – narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN; São Paulo: ISA, 2012a. p. 102-136.
- VALLE, Raoni, *Mentes graníticas e mentes areníticas: fronteira geo-cognitiva nas gravuras rupestres do baixo Rio Negro, Amazônia Setentrional*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012b.
- VALLE, Raoni; LOPES, Gori-Tumi.; TUYUKA, Poani; MUNDURUKU, Jairo. What is anthropogenic? On the cultural aetiology of geo-situated visual imagery. *Rock Art Research*, v. 35, n. 2, p. 123-144, 2018.
- VALLE, Raoni; TENORIO, Poani. *Utã Woritire* no baixo rio Negro. Uma nota sobre conversas rupestres entre um *kiti masigu tuyuka* e um arqueólogo arigó na Amazônia. *ARU*, n. 3, p. 103-117, 2019.
- VAZ, Atanásio. *A cosmologia indígena: um olhar a partir do povo Desana*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2022.
- WAI WAI, Carolina W. *O conhecimento das mulheres Wai Wai: estudo sobre o artesanato feito em semente de morototó*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2023.
- WAI WAI, Cooni. *A cerâmica Wai Wai: modos de fazer do passado e do presente*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.
- WAI WAI, Cooni; JÁCOME, Camila. A cerâmica Wai Wai: transformações e continuidades. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 37, p. 204-229, 2021.
- WAI WAI, Jaime. Developing a Wai Wai archaeology to strengthen ancestral knowledge. In: NICHOLAS, George; WATKINS, Joe. (ed.). *Working as indigenous archaeologists*. Reckoning new paths between past and present lives. London (UK): Routledge, 2024a. p. 575-581.
- WAI WAI, Jaime. *Etnografia e história das aldeias antigas do rio Kikwo, Pará, Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- WAI WAI, Jaime. *Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos Wai Wai na região da Terra Indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil)*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.
- WAI WAI, Jaime. Uma história de como os Waiwai da Amazônia vêm construindo e agora contando suas arqueologias. *Estudos Avançados*, v. 38, n. 112, p. 135-148, 2024b.
- WAI WAI, Jaime; CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. Arqueologia e história indígena na perspectiva dos Wai Wai: um povo Caribe das Guianas. *Tipiti*, v. 20, n. 1, p. 51-79, 2024.
- WAI WAI, Otekmi. *O xkamari Wai Wai: produção de raladores pelas anciãs na aldeia Mapuera*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2021.
- WANDERLEY, Elaine. Arqueologia no rio Purus: apontamentos iniciais. In: SANTOS, Gilton; APARICIO, Miguel (org.). *Redes Arawa: ensaios de etnologia do médio Purus*. Manaus: EDUA, 2016a. Cap. 12, p. 269-295.

WANDERLEY, Elaine. *É pote de parente antigo! A relação de indígenas Apurinã da Terra Indígena Caititu com os sítios e objetos arqueológicos*. Jundiá: PACO Editorial, 2016b.

WANDERLEY, Elaine. *É pote de parente antigo! A relação de indígenas Apurinã da Terra Indígena Caititu com os sítios e objetos arqueológicos*, Lábrea/AM. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

WATKINS, Joe. *Indigenous archaeology: american indian values and scientific practice*. Walnut Creek (US): AltaMira Press, 2001.